

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TAMIRES TAIANE SOBREIRO DAMASCENO

**Questões étnico-raciais e literatura infantil: a busca por práticas pedagógicas
antirracistas**

Sorocaba

2023

TAMIRES TAIANE SOBREIRO DAMASCENO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
da Universidade Federal de São Carlos campus
Sorocaba

Orientação: Prof^a. Dra. Rosa Aparecida
Pinheiro

Sorocaba

2023

Sobreiro Damasceno, Tamires Taiane

Questões étnico-raciais e literatura infantil: a busca por práticas pedagógicas antirracistas / Tamires Taiane Sobreiro Damasceno -- 2023.

43f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Rosa Aparecida Pinheiro

Banca Examinadora: Adilene Ferreira Carvalho Cavalheiro, Andréia Regina de Oliveira Camargo Bibliografia

1. Educação antirracista. 2. Literatura infantil . 3. Prática pedagógica.
I. Sobreiro Damasceno, Tamires Taiane. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

TAMIRES TAINÉ SOBREIRO DAMASCENO

**Questões étnico-raciais e literatura infantil: a busca por práticas pedagógicas
antirracistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
da Universidade Federal de São Carlos
campus-Sorocaba. Sorocaba, 11 de setembro
de 2023.

Orientador(a)

Dra. Rosa Aparecida Pinheiro

UFSCAR

Examinador(a)

Me. Adilene Ferreira C. Cavalheiro

UFSCAR

Examinador(a)

Dra. Andréia R. O. Camargo

UFSCAR

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as pessoas, não somente aos educadores, que diariamente buscam contribuir para a luta antirracista.

AGRADECIMENTOS

Na intenção genuína de celebrar minha existência e lembrar-me de sempre, independente das circunstâncias reconhecer meu valor, celebrar minha história e minhas conquistas, gostaria de começar agradecendo a mim mesma, por toda persistência e coragem.

Ao entender que faço parte de um todo, agradeço a todos os meus familiares que participam diariamente da minha vida e de minha evolução diária como sujeito, em especial à minha mãe Tatiane e meu pai William, que foram meus primeiros e verdadeiros amigos, com quem escolhi compartilhar a jornada terrena.

Agradeço a minha tia Kelly, que é quem me socorre nos momentos em que mais preciso, tanto com palavras de apoio quanto com atos de serviço que fazem com que eu me sinta muito amada, obrigada por se fazer presente.

Agradeço aos amigos que a UFSCAR me apresentou, Beatriz Camargo, Hilary Silva, Jin Karina, Sabrina Araujo e Thiago Hideo, pessoas com quem pude contar durante minha jornada acadêmica e sei que poderei contar nos anos que virão.

Agradeço imensamente a minha amiga educadora Rosangela Alfa, que tanto me ensina sobre o letramento racial e negritude. Você é a pessoa com quem tenho compartilhado não somente o tempo, mas também as experiências, a solidão, as dificuldades e alegrias desse processo. Assim, como diz da música Amizade do Grupo fundo de Quintal: Quero chorar teu choro, quero sorrir teu sorriso, valeu por você existir, amigo.

Um agradecimento especial aos amigos com quem converso diariamente e sempre estão por perto para tudo, Adriano Marthi, Deborah Benavides, Izabella Pereira, Ewelyn Oliveira e Vitória Correa.

Não poderia deixar de agradecer minha orientadora Rosa Aparecida Pinheiro, a você minha imensa gratidão, por confiar na minha capacidade nos momentos em que pensei em desistir, são pessoas como você que tornam a vida de um educador mais leve.

Aproveito para estender meus agradecimentos a UFSCAR e a todos os professores que de alguma forma contribuíram para minha formação. Obrigada por me apresentarem um novo mundo.

Ao recordar sobre a importância dos professores em minha vida, gostaria de agradecer aos anos que trabalhei no Colégio Salesiano e as pessoas comprometidas com a educação que ali encontrei. Sandra Brunetto, Gabriela Fonseca, Elizabeth Sampaio, Francis Gusmão e Adriana Santos, Ana Paula Carvalho, obrigada por toda a parceria e também por me

ensinarem não somente na teoria mas principalmente na prática o significado de *amorevolezza*.

Para concluir, agradeço a todos aqueles que se comprometem com a luta antirracista, em especial as pessoas negras que existem e resistem diariamente em nosso país, educando, trabalhando, empreendendo, produzindo arte, cultura e mantendo viva, em mim e nos semelhantes, a chama da esperança por dias melhores e para uma sociedade mais justa.

*É por mim por ti pelos irmão tô aqui
A minha meta é rimar até vê os preto sorrir
A estrutura rachar e o império cair
Uma nova era começou pros descendentes de zumbi
E o mundo todo vai saber da nossa correria
Eu vim mostrar com quantos raps se consegue a alforria
E depois desse aqui é o fim de tudo que me incomoda
Agora sim pode dizer que preto é foda*

Pelé do Manifesto

RESUMO

DAMASCENO, Tamires Taiane Sobreiro. **Questões étnico-raciais e literatura infantil: a busca por práticas pedagógicas antirracistas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

Este trabalho de conclusão de curso é um memorial que objetivou a busca por práticas pedagógicas antirracistas através da literatura infantil como material paradidático de suporte. Em um primeiro momento trago relatos de minhas vivências e experiências, as quais me trouxeram ao presente momento e me fizeram compreender a importância das pautas étnico-raciais. Em um processo de dentro para fora, fiz a retomada de conceitos importantes para uma melhor compreensão do racismo no Brasil e sobre a luta antirracista. Após reconhecer o local em que estou inserida, com aporte teórico em livros sobre a temática antirracista e referências sobre práticas pedagógicas, analisei o livro infantil “Amoras” de Emicida, na intenção de trazê-lo como uma possibilidade de material paradidático que contribui de maneira leve e positiva para a construção da autoidentidade de crianças negras, valorização dos diversos saberes, do respeito pelas diversidades e para a consciência de sujeitos sobre a luta antirracista.

Palavras-chave: práticas pedagógicas, literatura infantil, racismo, antirracista.

ABSTRACT

This course conclusion project is a memorial that aimed to search for anti-racist pedagogical practices through children's literature as paradigmatic support material. At first, I bring reports of my experiences, which brought me to the present moment and made me understand the importance of ethnic-racial guidelines. In an inside-out process, I resumed important concepts for a better understanding of racism in Brazil and the anti-racist struggle. After recognizing the place where I am inserted, with theoretical support in books on the anti-racist theme and references on pedagogical practices, I analyzed the children's book "Amoras" by Emerica, with the intention of bringing it as a possibility of paradigmatic material that contributes in a positive and light way for the construction of black children's self-identification, appreciation of different knowledge, respect for diversity and for the awareness of subjects about the anti-racist struggle.

Keywords: pedagogical practices, children's literature, racism, anti-racist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Amoras.....	27
Figura 2 - Capa.....	28
Figura 3 - P. 1.....	29
Figura 4 - P. 2.....	29
Figura 5 - P. 6.....	30
Figura 6 - P. 7.....	30
Figura 7 - Reportagem G1(A).....	31
Figura 8 - Reportagem G1(B).....	31
Figura 9 - Reportagem G1(C).....	32
Figura 10 - Reportagem G1(D).....	33
Figura 11 - P. 8.....	34
Figura 12 - P. 9.....	35
Figura 13 - P. 10.....	35
Figura 14 - P. 11.....	36
Figura 15 - P. 12.....	36
Figura 16 - P. 13.....	36
Figura 17 - P. 14.....	37
Figura 18 - P. 15.....	38
Figura 19 - P. 16.....	38
Figura 20 - P. 17.....	39
Figura 21 - P. 18.....	39
Figura 22 - P. 19.....	40
Figura 23 - P. 20.....	40

SUMÁRIO

1 CAMINHOS ASCENDENTES	13
2 PONTO DE PARTIDA	20
3 DESMISTIFICANDO E RESPONSABILIZANDO	22
4 NÃO BASTA RECONHECER, É PRECISO AGIR	24
5 TRANSFORMANDO PRÁTICAS ANTIRRACISTAS	26
6 LIVRO AMORAS - EMICIDA	28
7 CONCLUSÕES	42
REFERÊNCIAS	43

1 CAMINHOS ASCENDENTES

Acredito que não teria conseguido realizar o presente trabalho sem antes me apresentar e contar um pouco sobre os caminhos que me trouxeram até aqui.

Me chamo Tamires Taine Sobreiro Damasceno, uma mulher parda de 25 anos nascida e criada em Sorocaba/SP no Bairro Conjunto Habitacional Júlio de Mesquita Filho, por Tatiane Regina Goes uma mulher branca de 42 anos, a quem sou muito grata por toda força e luta como mãe solo nos anos iniciais da minha vida. Neta de Sebastiana Goes também mãe solo de quatro mulheres incríveis que fizeram parte efetiva e diária de minha criação e construção como pessoa. Em uma casa simples, que nos primeiros anos da minha vida não tinha portão mas era blindada por toda necessidade e coragem de ali existir e resistir.

Gerada por Bruno Luis Celestino Damasceno, homem preto nascido na Cidade do Rio de Janeiro, criado por Maria de Fatima Celestino, minha querida avó, também mulher preta e mãe solo de um único filho, com quem tenho tido o prazer de conviver, conhecer e me descobrir depois de muitos anos de afastamento.

Irmã de Jefferson Fonseca, rapaz amoroso que infelizmente não se encontra mais nesse plano físico há 10 anos e Bruna Damasceno uma linda e divertida jovem de 15 anos, ambos filhos de meu pai biológico Bruno. Irmã também de Antony Gabriel Polis uma criança de 13 anos e sensibilidade imensurável e Miguel Luis Polis uma criança que costumo brincar sobre ter “entre 8 e 80 anos de idade”, esse me desafia diariamente com seus questionamentos.

Sou filha da miscigenação, hoje não mais romantizada por mim, que tive o privilégio de acessar espaços e informações que me trouxeram até o presente momento reconhecendo meu lugar e papel nesse mundo. Essa miscigenação por muitas vezes me confundiu e me distanciou do fato de que viemos sim em um país racista.

Por muitos anos convivi com o afastamento da minha negritude e ancestralidade por ausência da minha família paterna e de referências nesse sentido. O não pertencimento ao meio branco que convivi durante anos e admiração por tudo o que tinha disponível que conhecia como advindo da cultura preta esteve presente principalmente na música.

O samba e pagode que se apresentaram pra mim através do rádio e dos bares e espaços sociais que frequentava com a minha mãe. Nos anos 2000, recordo muito bem de completar os anos iniciais do Ensino Fundamental, na época os clássicos R&B que estavam presentes nas músicas de fundo do dvd de formatura, marcaram minha infância de tamanha forma que me faz assistir aqueles momentos todos os anos, para revisitar aquelas músicas que

tanto gosto, além de também olhar para a Tamires criança para lembrar de ser gentil comigo mesma e com minha trajetória.

Com mais autonomia e acesso a internet tive o prazer de conhecer o HipHop nacional e internacional que nesse ano de 2023 completa 50 anos, o que para mim é motivo de muita celebração por esse movimento urbano tão importante. Kleber Simões, conhecido popularmente como KL Jay, integrante do grupo Racionais Mc's (maior grupo de rap do Brasil que influenciou milhares de pessoas pretas no Brasil) em entrevista de comemoração ao marco, enxerga o movimento musical como um fenômeno espiritual que surgiu com intenção de mudar o mundo.

Para KL Jay o hip-hop é algo espiritual e foi responsável por fortalecer a cultura negra no mundo, além de libertar de uma “prisão mental” pessoas que por muito tempo foram postas em um papel subalterno pela sociedade. “O hip-hop deu a voz que os negros estavam procurando. A voz de quem nunca teve voz para falar cantando e se expressar dançando. Eu tenho uma tese minha que o hip-hop é um fenômeno espiritual que aconteceu no planeta Terra para dar uma mudada, para dar uma melhorada”, opina o DJ. (DUARTE, 2023)

Sempre fui uma jovem alegre e com muito interesse pelas relações sociais de uma maneira geral, nunca tive um grupo de amigos fixos, apesar de em alguns momentos sempre ter aqueles de maior proximidade. Estudei em escola pública até o ensino fundamental 2 e apesar de em alguns momentos faltar-me à memória, tenho recordações vivas dos momentos de leitura. Recordo de, na escola estadual, sempre estar disposta para fazer as leituras coletivas, criar músicas e poemas sobre as coisas que aconteciam no cotidiano escolar. Quando faltava um professor, ao invés de ficarmos fazendo cópias sem sentido dos livros, como sugeriam alguns inspetores, eu me oferecia para fazer uma leitura coletiva com a turma na intenção de nos livrar” daquela “tortura”.

Ainda no Ensino Fundamental, minha mãe conheceu uma pessoa que posteriormente veio a se tornar meu pai. Willian Carlos Rodrigues Polis, homem branco, que hoje chamo de pai, passou a ser minha referência paterna quando eu tinha 12 anos. Em um ato de muita coragem e decisão ao casar-se com minha mãe me levou para tomar um milk shake, após uma longa conversa muito profunda e transparente, tratamos dos direitos e deveres daquela união, selamos assim o nascimento de uma relação entre pai e filha.

Depois desse momento as coisas foram acontecendo de maneira muito rápida na minha vida, mudamos para um novo bairro, uma nova casa que foi consequência do fruto de

muito trabalhos dos meus pais, recebi nesse período a “promoção de irmã mais velha” pois minha mãe estava grávida do Antony e dois anos depois veio a mudança mais marcante desse período, a mudança de escola.

Tudo estava ocorrendo de maneira muito positiva na vida profissional dos meus pais e eles decidiram que seria um bom momento para me colocarem no ensino privado. Aos 14 anos, fui matriculada em um colégio particular. Um mundo completamente novo se apresentou para mim naquele momento. Eu visitei a escola, as paredes eram lindas e bem pintadas, tinha um ateliê de arte, uma quadra coberta, os alunos utilizavam celulares e computadores no pátio, não tinha refeitório apenas cantina, os uniformes eram bonitos, tudo parecia muito agradável o que aliviava um pouco a tensão de deixar para trás meu antigo bairro e amigos.

A minha adaptação nesse contexto foi completamente diferente do que eu imaginava. No primeiro dia de aula no 9º ano, lembro de algum professor promover uma apresentação rápida dos alunos para que cada um dissesse aquilo que gostava de fazer, quando chegou minha vez eu contei que estava chegando de uma escola pública e que gostava de frequentar o grupo de escoteiros. Sim, eu fiz parte de um grupo escoteiro que ficava no bairro vizinho ao meu e os encontros ocorriam de sábado no espaço de uma escola pública. Naquele momento toda motivação e empolgação que estava dentro de mim murchou como um balão de fim de festa ao perceber naquele momento os olhares e risos dos colegas ali presentes.

Era uma escola pequena, muitos estavam ali desde os primeiros anos de vida, eu me senti uma completa estranha e invasora naquele contexto. Somente anos depois fui capaz de fazer reflexões sobre o fato da inexistência de pessoas pretas em minha turma, tão pouco lembro de ver jovens pretos pelos corredores. Poderia contar nos dedos de uma das minhas mãos os professores pretos que passaram por lá nos quatro anos que ali estive, até a 1ª série do Ensino Médio era a pessoa mais escura da minha turma, no ano seguinte tive uma colega preta que veio do Rio de Janeiro para a cidade.

Meu primeiro ano naquele espaço foi muito difícil, ao ter recebido uma resposta negativa da turma quando abri pela primeira vez minhas questões pessoais, assumi uma postura de “durona” nos meses seguintes, fazia piadas sobre todas as coisas, sobre os colegas, e até sobre mim mesma, envolta em um instinto de autoproteção, antes que alguém mesmo pudesse dizer qualquer coisa sobre mim, eu já havia dito. Me tornei uma adolescente bastante reativa e vivi muitos momentos na defensiva. Junto de tudo isso enfrentei também uma chuva de notas vermelhas e a cada lacuna vazia de conhecimento prévio que me faltava para estar

sentada naquela cadeira serviu para que internamente eu reforçasse meu sentimento de incapacidade.

Os primeiros trabalhos foram sozinha, as primeiras refeições também e aos poucos fui conquistando a confiança dos colegas. Me destacava nos esportes, nas aulas de arte e em alguns projetos. Aos poucos consegui recuperar a pessoa engraçada, divertida e doce que gostava de ser, até porque fora do contexto escolar muita coisa acontecia em minha vida, eu trabalhava em uma academia como recepcionista, e dedicava meu tempo para outras coisas.

Existia ali a dualidade de minha existência ao conviver no contexto escolar somente com pessoas brancas de classe média e alta e fora dali, nos ciclos sociais e relacionamentos afetivos com pessoas pretas.

Como fui escoteira, a questão social sempre fez parte da minha vida, meus pais também começaram a se interessar por projetos voluntários e até criaram um, chamado “Por Um Mundo Melhor”, parte de todos os meus sábados eram dedicados a isso. Visitei hospitais que fizeram com que eu passasse a valorizar meu tempo e minha vida, asilos em que dediquei meus ouvidos, orfanatos onde pude dar colo, brincar e contar histórias, participei de ações pontuais de natal passando a conhecer outros contextos além do meu. Estive até em hospitais psiquiátricos (que hoje não existem mais, e que bom!) onde fortaleci minha mente e muitas vezes até meu estômago. Foram dias e anos de muita aprendizagem, apesar de todos os hormônios de felicidade que meu corpo produzia ao me doar, nem todos os dias foram bons, surgiram muitos questionamentos, dúvidas, indignações, frustrações e amadurecimento em um curto tempo. Tudo isso misturado com as incertezas de crescer e amadurecer.

Quando era criança, não cogitava a possibilidade de ser professora, nem mesmo recordo de ter brincado escolinha na infância. Gostava de brincar na rua, jogar futebol e conversar com meus colegas, ser Educadora foi consequência de todos esses acontecimentos que surgiram fora do ambiente escolar, um processo de fora para dentro, diferente do que ouço de muitos colegas.

No terceiro ano do Ensino Médio as preocupações a respeito do “o que vai ser do meu futuro?” começaram a me atormentar. Eu já havia me adaptado com a escola, com o trabalho e toda minha vida social estava em harmonia. Comecei a ouvir mais sobre o ENEM, sobre a possibilidade de faculdades públicas (algo que eu nem sabia que existia antes de estar inserida naquele contexto) e o desespero para a tomada de decisão apareceu. Parei de trabalhar naquela época, encontrei umas aulas de cursinho no centro da cidade no contraturno, meu pai toda semana me enviava um tema de redação para ser entregue na sexta-feira, eu

lembro que eu detestava aquela cobrança e sempre entregava no limite do prazo, foram meses tensos.

Depois de receber a minha nota do ENEM, fui avaliando minhas possibilidades, eu estava entre serviço social e pedagogia. Eu não entrei na Universidade, lembro de passar meu aniversário inteiro do ano de 2016 esperando por uma vaga que não saiu. Eu já havia desistido e estava procurando emprego e possibilidades de estudar em uma faculdade particular, quando finalmente consegui minha vaga. Eu fui a última da minha turma a entrar em sala, por muito tempo isso me consumiu e todos anos me questioneei. Até o início da pandemia, me questionava se aquele era meu lugar, só que diferentemente da escola, o ambiente universitário para mim foi libertador, fui muito bem recebida e acolhida por todos meus colegas de turma e companheiros de profissão. Meu querido amigo Thiago Hideo foi a primeira pessoa a me estender a mão, me recebeu muito bem, fui inserida nos grupos e aos poucos me apropriando dos acontecimentos que ocorriam naquele espaço. Nesse momento a pessoa que sempre foi mais habituada com as práticas percebeu a importância dos estudos teóricos que davam força para caminhar pelas jornadas de trabalho de maneira intencional. Quando você abre seus olhos para algumas questões é impossível fechá-los novamente.

Uma das coisas que mais me fascinou no curso, foi a possibilidade de trabalhar dentro da escola desde o começo. Durante minha graduação me dediquei bastante as práticas pedagógicas em meu trabalho na sala de aula e o aporte teórico nas noites dentro da universidade começaram a dar sentido. Trabalhei longos períodos, conheci do berçário ao ensino médio em minhas experiências profissionais. Quando chegava a noite cansada da jornada e das horas dentro dos ônibus, encontrava pessoas que viviam realidades tão parecidas e ao mesmo tempo distintas à minha. Trocamos experiências, construímos projetos, ressignificados experiências, aprendemos e ensinamos.

Durante os anos que estive ali, eu me apaixonei pela educação infantil e apostei todas minhas energias a isso e ao trabalho. Mas foi somente durante a pandemia e a privação do contato com as pessoas que eu passei a refletir sobre as questões etnico-raciais, pois foi quando me sobrou tempo para olhar para mim. Eu passei muito tempo da minha vida me dedicando para questões externas e sociais - isso não é um arrependimento, entendo que foi parte fundamental para construção do meu caráter - e nunca tinha olhado para mim, sempre adiando essa conversa com o espelho para depois. Mesmo com aulas, coletivos dentro do campus e acesso foi somente durante esse período que despertei.

Após muito pensar, deprimir, desistir, findar relacionamentos e estar privada do mundo externo, quando, após a vacina, chegamos ao que muitos ao meu redor chamavam de

“novo normal”. Neste momento, passei a me permitir descobrir quem era a Tamires e o que era importante para ela.

Comecei a fazer novas amizades fora do contexto do trabalho e da universidade, frequentar espaços e lugares alternativos e nesse contexto social passei a ter contato com a cultura afro, com pessoas pretas, com a música feita por pessoas pretas, a comprar de pessoas pretas, conversar e compartilhar a vida com essas. Eu não sabia que inicialmente eram espaços onde me sentia confortável, com pessoas que me pareciam agradável, inconscientemente era o início do meu processo de letramento racial e a partir desse momento se tornou intencional.

Comecei a entender quem eu sou, passei a perceber o contexto em que estou inserida, sobre meus privilégios, reconheci o racismo e negação de minha origem ao acessar outros espaços que não o da pobreza da infância, me vi como reprodutora do racismo ao ser omissa em diversos momentos da minha história.

Nesse momento um leque de possibilidades e insatisfações se apresentaram para mim, me reconectei com minha família paterna, fui ao Rio de Janeiro, conheci parte da minha história e nesse ponto da minha vida, após mais de cinco anos de dedicação aos estudos, no momento em que pensei em muitas vezes desistir da minha graduação eu me questioneei: De que maneira, eu, como filha da miscigenação e educadora posso ir ao encontro de pensamentos que contribuem com praticas práticas pedagogias antirracista?

A escrita sobre si, como trazem Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 373 a citação apud Silveiras, 2023, p.16) pode ser considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal, ou seja, passa, durante a escrita, pelo processo de interpretar aquilo que foi significativo como forma de determinar futuras ações, modos de ser.

E dessa forma, depois desse reencontro comigo e dos questionamentos dos espaços em que estou presente junto da presença de pessoas pretas ou não nos mesmo, surgiu a necessidade de escrever este memorial, não só na intenção de concluir minha graduação que tanto adiei, mas de gerar significado para a realidade que quero viver, reconheci então a literatura infantil como uma uma contribuição para essa busca.

Por esse motivo também, seguindo a sugestão da minha orientadora, como metodologia para o trabalho de conclusão optei pelo formato de memorial, a fim de conseguir, por meio das minhas experiências, tratar essa temática de grande relevância para mim. Cada indivíduo é um ser dialógico, ou seja, está em constante diálogo com os outros e com a cultura em que

está inserido, o que influencia diretamente na construção de sua identidade e subjetividade, de acordo com Bakhtin (1995, da citação apud Silveiras, 2023, p.15).

2 PONTO DE PARTIDA

Para conversarmos sobre o racismo e até mesmo sobre a luta antirracista fez-se necessário tratarmos dos fatos que precedem o atual momento, contextualizando historicamente, o fim da escravidão no Brasil é datado em 1888, sabe-se que, mesmo assim, é inegável os reflexos da colonização e de anos de escravidão. A consequência desse período levou o país a uma cultura racista e eurocentrada.

Mesmo que grande parte da população brasileira traga consigo a ancestralidade preta e africana e com afirmações de que não existiria o Brasil como é hoje sem a África, vale ressaltar que, diferentemente do que muitos aprenderam, esse não foi um processo opcional e pacífico. Foi um período marcado pela exploração, pelo sofrimento, humilhação, violência e apagamento.

As relações de diferenças causadas por esse período marcante reforçam, de forma velada ou direta, a desigualdade entre pessoas brancas e não brancas fortemente marcadas pela cor da pele.

Apesar do grande espectro de cores existente no nosso país, o Estado, no seu braço armado genocida, sabe exatamente quem é negro aqui e quem não é. Eu diria que a madame sabe quem é negro e quem não é na hora de segurar a bolsa forte, na hora de atravessar a rua quando vê um preto atrás caminhando, na hora de se levantar da cadeira do ônibus quando um preto senta ao lado. (PINHEIRO, 2023, p. 52)

O que no passado foi escravidão, nos dias atuais remetem ao ódio, a sensação de superioridade de uns em detrimento de outros, a falta de acesso, recursos financeiros, capital cultural, discriminação, não acesso à espaços específicos, injúrias e violência.

Sendo o Brasil um país miscigenado, torna-se muito fácil ignorar ou romantizar todas as problemáticas contidas no cenário brasileiro ao tratarmos de racismo. Instalando uma falsa ideia de igualdade entre as raças. Djmalia Ribeiro em seu Pequeno Manual Antirracista cita Munga “eoa, dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita: ‘Não somos racistas! Racistas são os outros!’” e considera “... essa voz uma inércia causada pelo mito da democracia racial”. (RIBEIRO, 2019, p. 20 e 21)

Barbara Carine em Como ser um Educador antirracista sobre o mito da democracia racial reforça “A democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre pessoas negras e não negras no Brasil!”. (PINHEIRO, 2023, p. 51)

A raça surge para legitimar o processo de escravidão nas Américas e a expansão territorial europeia, dominando, expropriando e destruindo novos territórios. O racismo, enquanto um constructo social dependente do conceito de raça, foi fundamental para garantir quase quatro séculos de escravidão do nosso povo nestas terras. Com o fim da escravidão, o racismo segue se alimentando da noção social de raça e se sofisticando com base na ideia de democracia racial no Brasil, que aponta para a ausência de raças e para a existência, sim, de um povo miscigenado que celebra diariamente essa mistura. A dissimulação do racismo dificulta a percepção cotidiana desse gigantesco mal social. (PINHEIRO, 2023, p. 50 e 51)

O objetivo deste trabalho foi pensar a literatura como uma possibilidade de prática pedagógica, não somente no ambiente escolar, como contribuição para construção da autonomia e emancipação de crianças pretas e auxiliar pessoas, em especial brancas a não somente identificar práticas racistas como pensar caminhos que vão contra essas.

O estudo presente analisou um livro infantil “Amoras” de Emerica e aprofundou com olhar crítico e atento, embasado em referências da educação antirracista, buscou compreender um pouco mais sobre o racismo presente em nós e na sociedade, valorizando as diferenças, pluralidade e intencionalidade ali contidas na emancipação e desconstrução dos sujeitos trazendo também como aporte teórico de contribuição, conhecimentos do livro “As Belas Mentiras a ideologia subjacente aos textos didáticos” de Maria de Lourdes Chagas Deiró que inicialmente como uma apresentação de mestrado em 1978, orientada por Demerval Saviani, analisou aproximadamente 20.000 páginas de livros didáticos tecendo críticas muito relevantes ao apontar os problemas da educação brasileira. O livro denuncia reproduções ideológicas contidas em materiais didáticos em diversos aspectos, traz também apontamentos sobre o racismo que neste trabalho é o ponto de recorte. Compreender esse material como uma ferramenta, que mesmo antes das leis atuais que amparam as práticas antirracista através da obrigatoriedade do ensino da cultura a História e Cultura Afro-Brasileira, já pensava em como os materiais reproduziam o racismo.

3 DESMISTIFICANDO E RESPONSABILIZANDO

As consequências físicas e psicológicas causadas pelas práticas conscientes e inconscientes de discriminação resultam no tratamento desigual das vítimas em diversos âmbitos da vida, inclusive no âmbito educacional, no que diz respeito principalmente ao desempenho do aluno e consequências futuras na vida do indivíduo, sendo assim, manifesta-se a importância quanto à relevância do combate ao racismo e comprometidos com a luta antirracista.

Toda mudança gera, em algum grau, certo desconforto, e, ao falarmos de luta Antirracista, algumas coisas são importantes serem destacadas no percurso. A primeira delas é que não se pode combater aquilo que não se conhece, conhecer a história se faz necessário, reconhecer o racismo presente em nós é um grande passo no caminho ao combate.

Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos — mais grave é não reconhecer e não combater a opressão” (RIBEIRO, 2019, p. 22)

Esse desconforto faz-se necessário no processo de combate, questionamentos são necessários. Muitas pessoas se colocam em posição de passividade ao combate por não serem pretas, deturpando o conceito de “lugar de fala”, eu mesma confesso que durante muitos anos pensei “essas questões não me atingem” e neguei a necessidade de me unir à causa.

Djamila Ribeiro em seu “Pequeno Manual Antirracista” no capítulo “Reconheça os Privilegios da Branquitude” nos conta que todos temos nosso lugar de fala social e sabendo disso, discutir a branquitude é importante.

Sabendo que todos falam de um lugar social, ao contar de sua trajetória nas palestras em que ministra Barbara Carine traz cirurgicamente o apontamento “O que se combate na luta antirracista não é o sujeito branco, mas a branquitude” (PINHEIRO, 2023, p. 55) afirma a pesquisara após dizer que:

Isso me coloca a pensar sobre a fragilidade branca: estou há décadas ouvindo não, piadas, críticas, recebendo olhares, tendo portas fechadas, sentindo muito medo do Estado, sendo perseguida em espaços acadêmicos e sociais diversos, e tenho que estar aqui, firme e disposta a atuar na sociedade, buscando, a partir da integração da minha luta à luta coletiva, gerar equidade racial. Ai as pessoas brancas não conseguem aguentar horas de palestra de boa ouvindo sobre seus privilégios... é muita fragilidade. (PINHEIRO, 2023, p. 34 e 35)

Esses debates são referentes ao reconhecimento de si e a responsabilização por quem se é no processo para desnaturalizar o racismo como sendo uma estrutura de poder baseada em um privilégio racial que faz com que os mecanismos de desigualdade se perpetuem na sociedade.

Questionar o racismo a partir do lugar da pessoa branca, por exemplo, provoca um deslocamento necessário no processo de percepção do indivíduo sobre os privilégios de poucos em detrimento das desigualdades concretas, reforçadas cotidianamente pelo racismo estrutural visibilizado pelas ausências de efetivas políticas públicas que garantam os direitos sociais e acesso aos recursos materiais e simbólicos para todas as pessoas (CAVALHEIRO, 2022, p. 32)

O ponto central é a compreensão de que todos falamos de algum lugar social e se tratando na luta antirracista cada um possui seu papel. As pessoas brancas têm um papel importante na luta antirracista. Obviamente que não é um papel tutelador, infantilizador de pessoas negras, mas sim um papel que se relaciona com o seu próprio campo de atuação, com o que elas podem fazer nos espaços em que não estamos. (PINHEIRO, 2023, P. 61)

Ao tratar da branquitude, como criadora do racismo, a responsabilização e não a culpa, gera ação. Isso não significa que pessoas brancas precisam falar pelas pessoas pretas no espaço onde elas se encontram, pois não seria possível nem por um segundo, já que esse lugar não as pertence. Se posicionar nos espaços onde infelizmente essas ainda não conquistaram, refletir sobre a ausência de pessoas pretas, observar no contexto de trabalho, espaços sociais, hospitais e espaços políticos, por exemplo. As pessoas brancas têm um papel importante na luta antirracista. Obviamente que não é um papel tutelador, infantilizador de pessoas negras, mas sim um papel que se relaciona com o seu próprio campo de atuação, com o que elas podem fazer nos espaços em que não estamos. (PINHEIRO, 2023, P. 61)

4 NÃO BASTA RECONHECER, É PRECISO AGIR

O papel da Educação Antirracista vem de encontro com várias pautas que por muitas vezes são ignoradas, como da própria existência do racismo, porquê sim, ele existe e afeta diretamente milhares de crianças, jovens brasileiros e suas famílias.

Dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que 54% da população brasileira é negra. Dados do Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2016, mostram que mulheres brancas recebem 70% a mais que mulheres negras. Entender o Brasil é inter-relacionar questões, informações, dados de gênero, etnia e também de classe social. (PRUDENTE, 2020).

Em 2003 foi promulgada a Lei Federal nº 10.639/03 que em seu artigo 26-A diz que "(...), nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira." O ano de 2023, marca os vinte anos da promulgação desta Lei, que levanta o questionamento de que mesmo após este período da criação da mesma, uma parcela de educadores ainda têm uma visão tradicional e eurocêntrica da história afro-brasileira, o que é preocupante diante das diversidades presentes em sala de aula. (BRASIL, 2003).

Entendendo até aqui o antirracismo como uma luta de todos, Projetos Pedagógicos anti racistas são uma grande ferramenta no sucesso desse processo.

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira embasada de materiais como por exemplo “o Pequeno Manual Antirracista” pode auxiliar o educador trazendo a construção de novos saberes e conceitos e a desconstrução de outros que já não cabem mais.

Analisar e explorar um pouco da literatura infantil afrocentrada com base nas pautas étnico-raciais, trazendo problemáticas e questionamentos, na intenção de uma maior compreensão por parte do educador (entendendo educador como todo aquele que faz parte da formação de uma criança seja no âmbito escolar ou não) a partir de estudos embasados em pesquisadores da área. Ao utilizar essas literaturas, promover considerações sobre a temática.

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo

branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. (RIBEIRO, 2019, p. 41 e 42)

Para tornar-se parte da luta antirracista é preciso reconhecer o racismo dentro de si, em todos os espaços na presença de pessoas pretas e na reflexão a partir da ausência delas. Ao dar nome às coisas é possível desnaturalizá-las e enfrentá-las. Não são somente pessoas negras que devem falar a respeito das questões raciais, apesar da grande responsabilidade reparatória de intelectualizá-las e reconhecer suas contribuições para a história do que conhecemos hoje como mundo. O enfrentamento desse mal social é responsabilidade ativa de todos.

5 TRANSFORMANDO PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

A Escola é o espaço onde as crianças passam a maior parte do tempo e trocam diversas experiências. Contribuir para uma Educação Antirracista de maneira efetiva é proporcionar visibilidade e representatividade. A literatura é uma das ferramentas que podemos utilizar nesta construção.

O legado da escravidão no Brasil silencia a herança concreta e simbólica de privilégios do branco, invisibiliza e provoca a negação da identificação negra do(a) brasileiro(a) que, em 33 sua maioria, vive uma realidade amortecedora, amparada na ideia da democracia racial do povo miscigenado, nem negro e nem branco. Portanto, pensar o contexto histórico no qual a nossa sociedade foi forjada possibilita observar que a busca pela aproximação simbólica com o “branco” é uma alternativa para escapar da representação criada como inferior em uma escala de valores no campo social, político, cultural e educacional. Nesse sentido, questionar o lugar que o conhecimento hegemônico ocupa e reconhecer práticas pedagógicas que contribuam com processos sociais mais amplos pode se constituir em alternativas emancipatórias no cotidiano escolar. (CAVALHEIRO, 2022, p. 33)

Acesso a literaturas que promovam vivências positivas, é fundamental no processo de construção da autonomia e identidade de crianças pretas, sendo assim, é necessário reforçar aquilo que é base sólida, para reforçar aquilo que é positivo nesse caminho. “Por isso a representatividade é tão importante: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta.” (PINHEIRO, 2023 p. 31)

A escola tem papel além de legal previsto pela Lei n.10639/2003, compreender a luta antirracista é se esforçar para enxergar o ensino das pautas etnico-raciais para além dela, mesmo que isso seja um grande avanço, não dá para ser tratado como algo pontual.

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois reconhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isso é deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, ações que diminuem as desigualdades. (PINHEIRO, 2023 p. 42)

Barbara Carine que fundou em Salvador a primeira escola afro-brasileira do Brasil, Escola Maria Felipa, na intenção desse caminho emancipatório, também compartilha do pensamento sobre não ser somente pela obrigatoriedade e ainda complementa esse pensamento. Você, professor antirracista, não deve abordar em sala de aula a cultura africana, afro-brasileira e indígena pela obrigatoriedade, mas sim pela consciência de reparação histórica (PINHEIRO, 2023 p. 82)

Por enxergar a escola como peça chave na luta antirracista, pensar em práticas pedagógicas que caminham em direção a isso é vital.

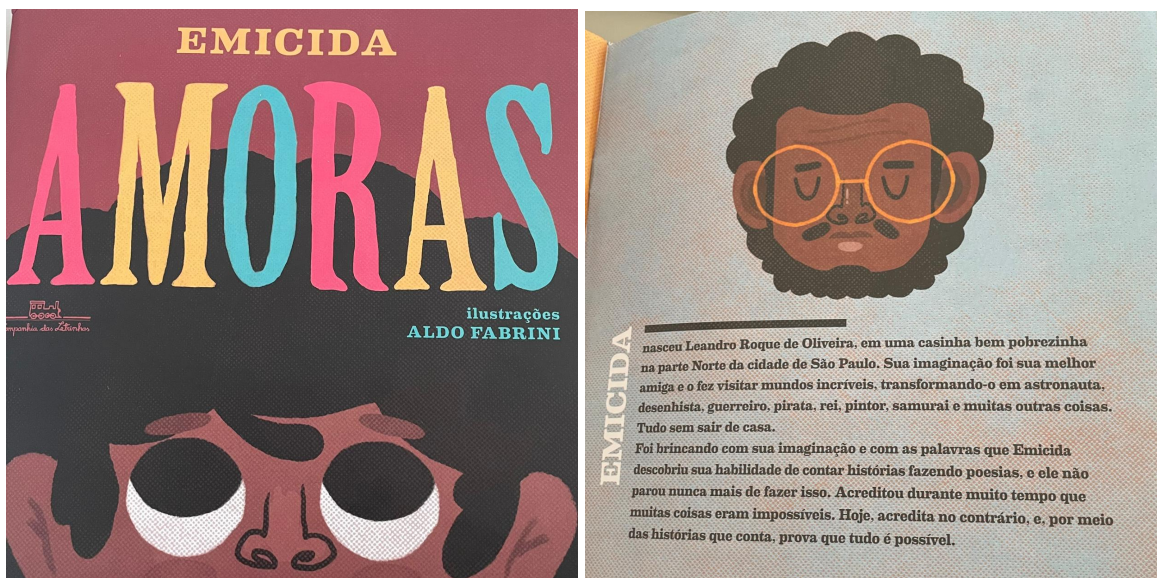
O lugar social e subjetivo de quem ensina se entrecruza entre práticas pedagógicas para a EREER mais emancipatórias tecidas por ações de insubordinação criativa ao longo do ano letivo e a valorização de si e do outro como sujeito de conhecimentos, direitos e dignidade. Essa tessitura orientada pelos princípios do fortalecimento de identidades e de direitos (BRASIL, 2004) pode promover a afirmação e valorização da ancestralidade africana e indígena; romper com os estereótipos reproduzidos, em favor da beleza e estética dos povos negros e indígenas; dar lugar e acesso as múltiplas vozes silenciadas pelo empreendimento colonial e sua herança escravocrata. (CAVALHEIRO, 2022, p. 45)

Com base na análise dos livros “O Pequeno Manual Antirracista”, da filósofa e ativista Djamila Ribeiro e “Como ser um educador antirracista” de Bárbara Carine, além da contribuição da dissertação “OS OLHOS DE OJUOBÁ - Experiências docentes para a educação das relações étnico-raciais no ensino fundamental da rede pública municipal de Sorocaba” da Mestre em Educação Adilene Ferreira Carvalho Cavalheiro sobre as questões étnico-raciais à respeito da luta antirracista, faço uma análise para pensar o livro Amoras de Emicida.

6 LIVRO AMORAS - EMICIDA

A obra analisada foi o Livro Amoras¹ de Leandro Roque de Oliveira, popularmente conhecido como EMICIDA, que além de ser uma das grandes referências do rap Nacional e obter grandes conquistas por meio da música, também é figura ativa na luta antirracista. O livro Amoras, um poema carregado de representatividade que surgiu a partir da conversa do autor com sua filha Estela, levou a pensar nas possibilidades de um uso desse material paradidático como prática pedagógica.

Figura 1 - Amoras



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

O livro escrito por Emicida e ilustrado por Fabrini Assayaga trata da conversa entre um pai e sua filha, ambos pretos, através da observação de questões da natureza, do mundo e pessoais. Recheado de cores, diversidade, espiritualidade e representatividade.

Em sua contracapa, Sérgio Vaz relata “Um livro que rega as crianças com o olhar cristalino de quem sonha plantar primaveras para colher o fruto doce da humanidade”.

¹ Todas as imagens são provenientes do livro Amora, de 2018, de autoria de EMICIDA.

Figura 2 - Contracapa



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Ao observar a capa e a contracapa podemos ver que, tanto Emicida quanto sua filha, retratada no livro, aparecem expressivamente olhando para o alto. O grande enfoque no olhar de ambos ganhará sentido quando, na sequência do livro, ao representar Ganesha² diz que “Deus tem tanto nome diferente que decidiu morar nos olhos da gente” trazendo não só o conceito de respeito pelas diferentes crenças e culturas mas também a ideia de equidade, tão fundamental na luta antirracista, entre todas as pessoas.

² Ganesha é um dos mais conhecidos deuses do hinduísmo. Popularmente representado pela cabeça de um elefante em corpo humano, possuindo quatro braços, uma grande barriga e apenas uma presa.

Figura 3 - P. 1



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 4 - P. 2



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 5 - P. 6



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 6 - P. 7



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

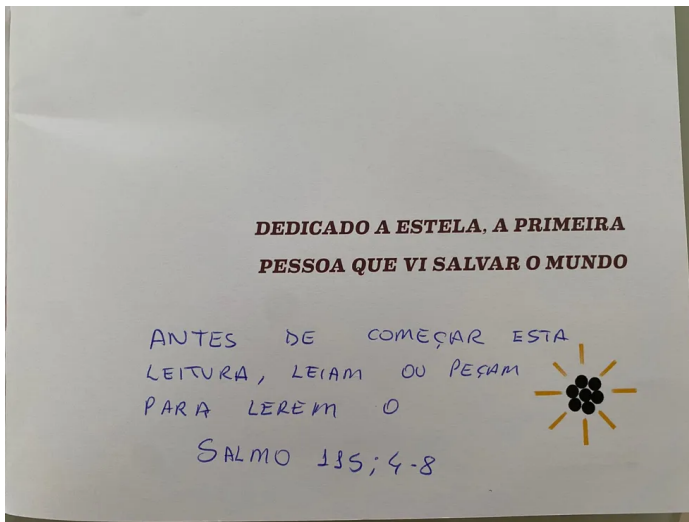
Emicida traz uma visão de diferentes partes do mundo sobre a origem das coisas, das religiões de matriz africana, ao apresentar Obatalá, muçulmana com Ala e o hinduísmo ao retratar Ganesha.

Durante a trajetória escolar todas as culturas são representadas na história e não causam impacto negativo. Aprende-se sobre os deuses da Grécia, por exemplo. Por que as culturas africanas são motivos de espanto e demonização?

Uma situação de grande impacto ocorreu após a publicação do livro na cidade de Salvador, considerada berço da história negra no Brasil. Em uma escola particular, o livro foi sugerido pela escola como material paradidático com o objetivo para trabalhar questões

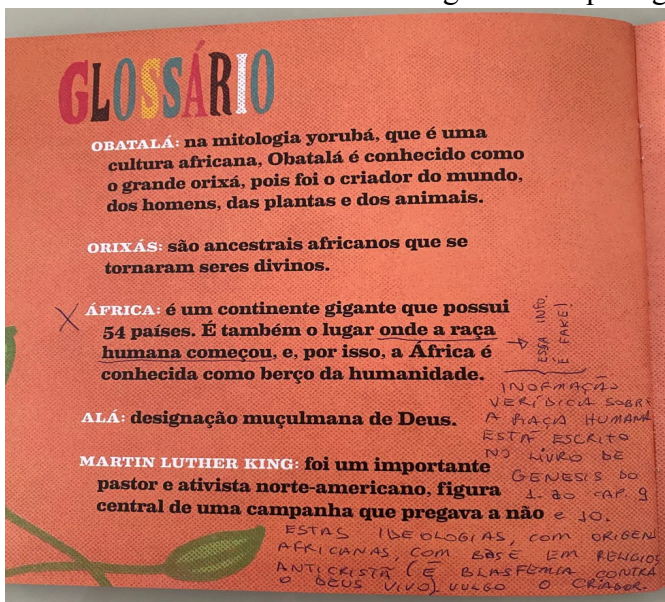
etnico-raciais (prática pedagógica) foi vandalizado pela mãe de um dos alunos que comprou o livro mas não concordou com as informações contidas em suas páginas, o caso é retratado segundo a notícia como um ato de racismo religioso.

Figura 7 - Reportagem G1(A)



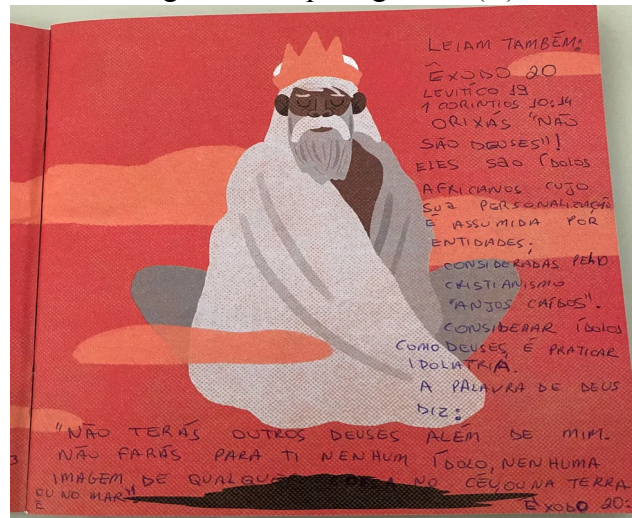
(Fonte: MELO, 2023)

Figura 8 - Reportagem G1(B)



(Fonte: MELO, 2023)

Figura 9 - Reportagem G1(C)



(Fonte: MELO, 2023)

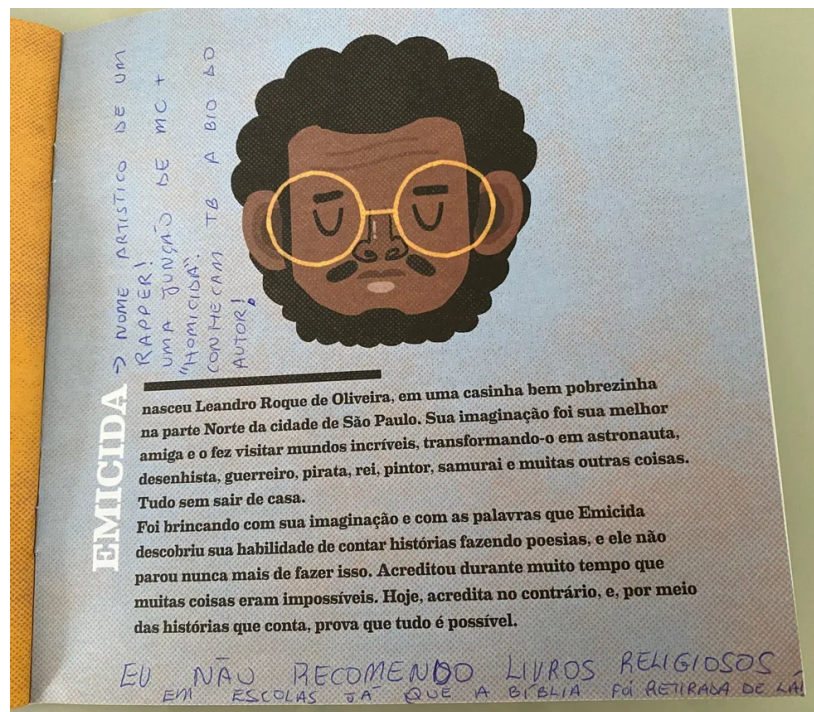
São atitudes como essas a educação antirracista precisa combater. Djamila Ribeiro nos faz questionar ao dizer em seu manual. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber (RIBEIRO, 2019, p. 65)

Dentro do ambiente escolar nos deparamos com várias datas e comemorações, principalmente de origem cristã como a Páscoa e o Natal. Crianças assistem a filmes, levam brinquedos de super heróis e consomem culturas, como por exemplo o Thor, muito querido pelas crianças vem da mitologia Nórdica e está tudo dentro da normalidade. Foi a partir de reflexões como essa que Bárbara Carine pensou em propostas descoloniais, desconsiderando a visão eurocêntrica como única perceptiva do conhecimento, para sua escola Maria Felipa.

Cheguei então à conclusão de que o problema residia no eurocentrismo e entendi que poderíamos construir um calendário que valorizasse os diferentes marcos civilizatórios. Desse modo, na semana de falar na escola sobre a Páscoa, também incluímos as datas da festa do Toré indígena e a feijoada de Ogum. Do mesmo modo que nos santos juninos associamos essa contação de história às festividades da fogueira de Xangô, bem como a festa inca do Inti Raymi. Todas as abordagens de natureza religiosa são desenvolvidas numa perspectiva mitológica e não no entendimento de verdade, pois isso se inseriria numa dinâmica de fé e a escola não é religiosa ela é laica. (PINHEIRO, 2023, p. 101 e 102)

Emida é um autor negro, que traz em seu livro perspectivas que vão de encontro as propostas descoloniais citadas, ao fazer isso tem não só sua visão de mundo desvalidada como sua criação vandalizada. Isso nos mostra não só a resistência das pessoas por um embranquecimento cultural, como a invalidação do sujeito preto como sendo capaz de produzir conteúdo ao trazer contribuições africanas, que estão, sendo desconsideradas como capazes de trazer contribuições culturais para a humanidade, podemos então classificar como epistemicídio. O epistemicídio, isto é, o apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos (RIBEIRO, 2019, p. 61).

Figura 10 - Reportagem G1(D)



Sobre o nome do autor EMICIDA a reportagem ainda diz:

Os atos de degradação da obra foram direcionados também ao autor do livro, Emicida. Como o rapper já contou em várias entrevistas, o seu nome artístico é um acrônimo: a junção das palavras homicida com MC. O nome foi criado depois que ele, que se chama Leandro, passou a vencer diversas batalhas de rap - ou seja, "matar" os adversários com suas rimas poderosas. (MELO, 2023)

A notícia explica sobre a criação do nome do artista que posteriormente também foi substituído pelo acrônimo “Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte”. Informação que pode ser encontrada no site do artista. (EMICIDA, 2023).

Consumir cultura e conhecer sobre negritude entra nesse sentido como um papel da branquitude na luta antirracista. Eu brinco que, muitas vezes, pessoas brancas nos colocam no lugar de “Wikipreta”, como se nós precisássemos ensinar e dar todas as respostas sobre a questão do racismo no Brasil. Essa responsabilidade também é das pessoas brancas - e deve ser contínua. (RIBEIRO, 2023, P. 40)

Figura 11 - P. 8



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Ao analisar essas páginas muitas questões a respeito da identidade da criança negra podem ser discutidas, aqui o livro retrata não somente a construção do pensamento de uma criança mas sobre como um pensar positivo faz a diferença nesse processo. Desde criança, a identificação étnico-racial se elabora pelas marcas vivenciadas de forma intensa, pois as diferenças e pertencimentos trazem significações dos elementos que a constituem na pessoa adulta.(CAVALHEIRO, 2022, p. 92)

Fazendo um resgate do meu passado, recordo de começar a alisar meus cabelos aos 10 anos de idade, minha mãe possui cabelo liso e meu pai tinha cabelo crespo. Ao crescer longe da referência paterna negra, sempre entendi meu cabelo como “nem liso e nem crespo” e por isso utilizei até os meus 20 anos produtos químicos para me encaixar em um padrão branco de beleza. Somente durante a minha graduação tive acesso a materiais que valorizavam a cultura negra e ao compreender aspectos da minha identidade que decidi cultivar meu cabelo natural.

Paro para me analisar como adulta, o quanto teria sido mais fácil, se logo na infância durante minhas vivências tivesse tido acesso a livros com esse que valorizam a existência de pessoas não brancas.

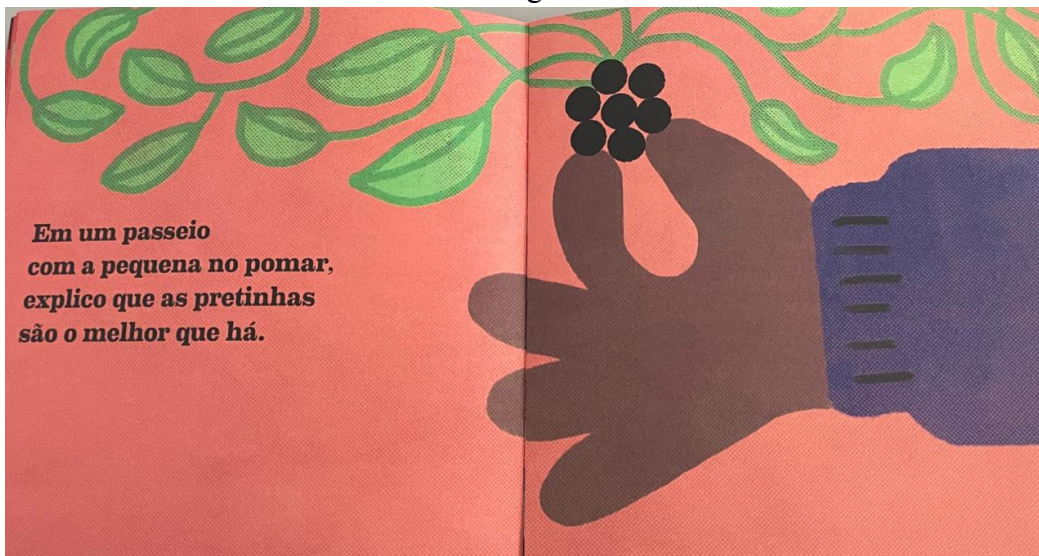
Figura 12 - P. 9



**Vão espalhando
toda a beleza por aí.
Me esforço para ensinar,
mas foi com eles que aprendi.**

(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

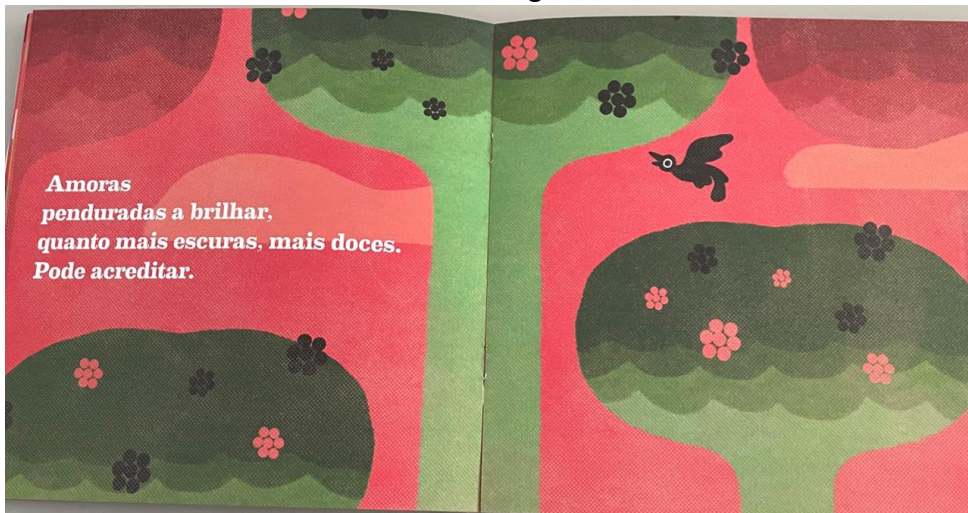
Figura 13 - P. 10



**Em um passeio
com a pequena no pomar,
explico que as pretinhas
são o melhor que há.**

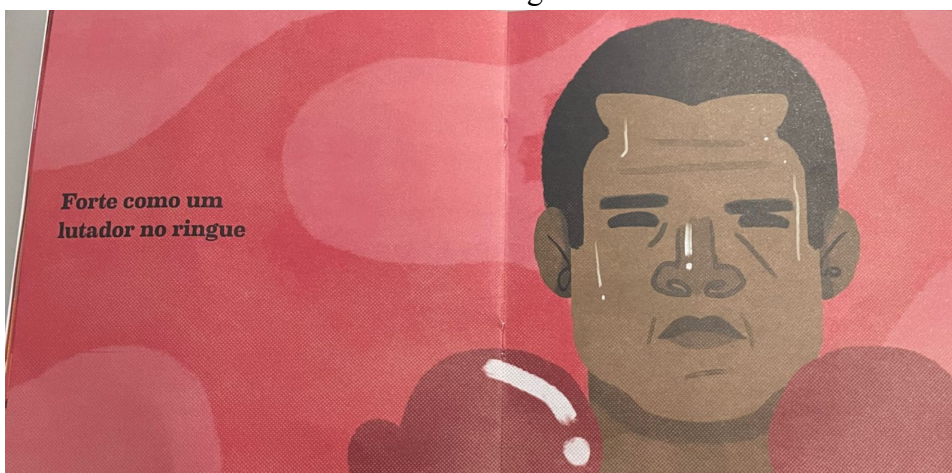
(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 14 - P. 11



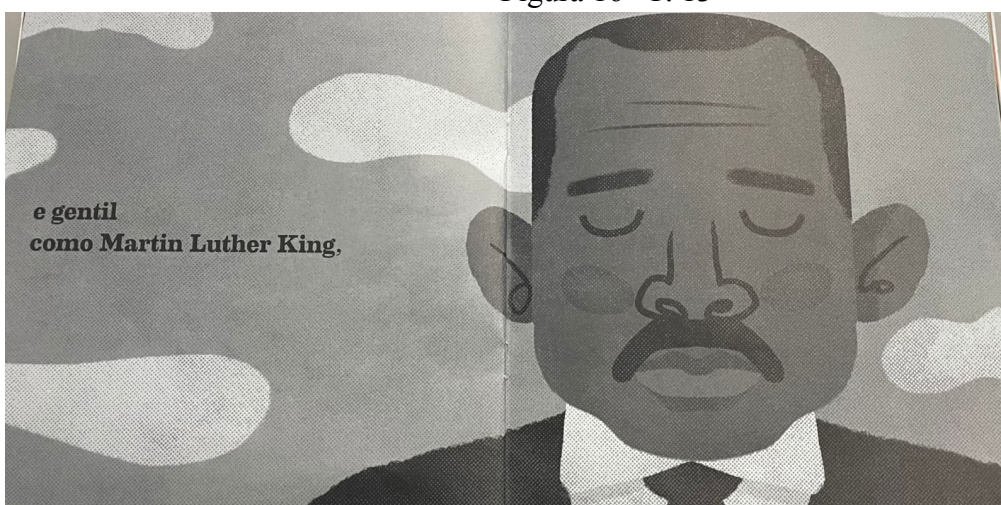
(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 15 - P. 12



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 16 - P. 13



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

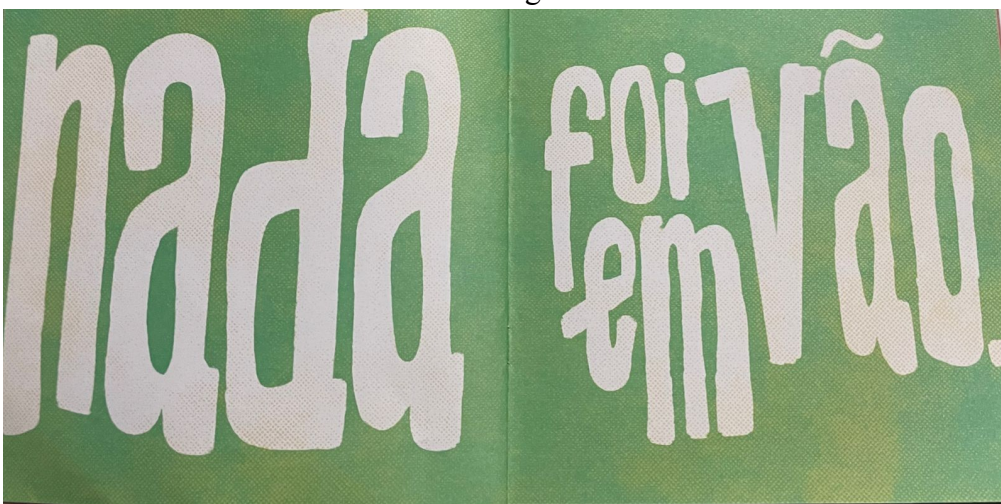
Figura 17 - P. 14



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

A representatividade que Emicida traz ao citar Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, é fundamental para a construção do do sujeito. Ancestralidade e identidade são questões valorosas. Em seu livro, ao contar sobre os projetos pedagógicos que se baseiam em potências culturais, Pinheiro diz que: é só sabendo de onde viemos (olhando para trás) que sabemos quem somos; e é só sabemos de onde viemos e quem somos, a partir da nossa agência ancestral, que conseguimos construir novos passos rumo a emancipação do nosso povo (PINHEIRO, 2023, p.99).

Figura 18 - P. 15



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 19 - P. 16



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

As letras grandes da frase “As pretinhas são o melhor que há.” reforçam positivamente a ideia explicada na imagem anterior, as cores escolhidas chamam a atenção e ao preencher toda a página trazem intensidade para a questão identitária de ser uma criança preta. Quando repete também novamente com as grandes letras “Nada foi em vão” reforçar a ideia apresentada acima a respeito da coragem e luta das dessas personalidades importantes na emancipação dos negros. A mensagem de representação, história e ancestralidade é passada.

Figura 20 - P. 17



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 21 - P. 18



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 22 - P. 19



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Figura 23 - P. 20



(Fonte: EMICIDA, 2018 - Foto da autora)

Ao final do diálogo, ao conhecer mais sobre sua história, sobre o mundo, seus ancestrais e referências, a luta de seu povo e enxergar a beleza de em si em contato com a natureza, a própria criança conclui e diz “Papai, que bom porque eu também sou pretinha”. Isso reafirma as questões sobre representatividade apresentadas.

7 CONCLUSÕES

O trabalho foi desenvolvido, primeiramente, para compreender e refletir sobre minha própria identidade etnico-racial ao me declarar como mulher parda e de descendência negra. Ao percorrer um longo caminho na busca da auto identificação trouxe para o meu campo de atuação a intencionalidade e responsabilidade diante desse fato. A partir disso pude me embasar teoricamente com referências, principalmente negras, e trazer para meu campo de atuação como educadora e futura pedagoga de maneira clara e concisa, um pontapé inicial na busca por práticas pedagógicas antirracistas.

Compreendi que todos falamos de algum lugar e esse não somente para mim, mas para as referências trazidas, é o ponto de partida crucial para abordarmos as questões raciais. Ao tratar de lugar de fala e trazer questões a respeito da branquitude, Djamila Ribeiro diz que: Perceber-se é algo transformador. É o que nos permite situar nossos privilégios e nossas responsabilidades diante de injustiça contra grupos sociais vulneráveis. (RIBEIRO, 2019, p. 33). Em sua dissertação Adilene diz que: Esse entendimento nos permite perceber que oportunidades, assim como o acesso aos recursos simbólicos e materiais, são restritos a certos grupos sociais. Por este motivo é imprescindível compreendermos o ponto de partida dos sujeitos.(CAVALHEIRO, 2022, p. 96).

A partir disso, com base em conhecimentos trazidos e materiais estudados, entendi a literatura infantil como uma peça importante na busca por práticas pedagógicas antirracistas. A literatura pode ser uma ferramenta de intencionalidade para construção de uma educação emancipatória e positiva para crianças, não somente em espaços escolares mas no cotidiano.

Por fim, são notícias como a da vandalização do livro Amoras, que me fazem perceber que, mesmo com o amparo legal, ainda existe muita resistência quanto à valorização dos saberes e da cultura afro-brasileira. Espero que este memorial na busca por práticas pedagógicas antirracistas, traga um pouco de clareza para aqueles que o encontrarem. Como educadora compreendi durante minha jornada um pouco mais sobre o sistema de opressão presente na nossa sociedade. Segundo Pinheiro, o educador antirracista é: aquele sujeito que, em uma sociedade estruturalmente racista, compreende que não há como fugir psicologicamente desse mal social se não destruímos o racismo em suas bases.(PINHEIRO, 2023, p. 145).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 25 ago. 2023.

CAVALHEIRO, Adilene Ferreira Carvalho. **Os olhos de Ojuobá: experiências docentes para a educação das relações étnico-raciais no ensino fundamental da rede pública municipal de Sorocaba**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSCAR, Sorocaba, 2022.

DUARTE, Catarina. 2023. Disponível em: <https://www.headline.com.br/hip-hop-e-um-fenomeno-espiritual-que-veio-para-mudar-o-mundo-diz-kl-jay-9f1f31f8>. Acesso em: 25 ago. 2023.

EMICIDA (Leandro Roque de Oliveira). **Amoras**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.

EMICIDA. **Conheça**. 2023. Disponível em: <https://emicida.com.br/conheca?lang=ptbr>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MELO, Monica. **Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana**. G1. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml>. Acesso em: 25 ago 2023.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. 1981.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PRUDENTE, Eunice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. **Jornal da USP**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SILVEIRAS, Heloisa Coes. **Educação na Pandemia: Experiências com os anos iniciais do ensino fundamental em escolas da cidade de Sorocaba**. 2023. Trabalho de conclusão de curso, UFSCAR, Sorocaba, 2023.